

FERNANDO AUGUSTO

(Alhandra, 05/12/1947 – Lisboa, 01/09/2003)

Dramaturgo, encenador e professor, Fernando Augusto deu um importante contributo para o desenvolvimento do teatro amador e da produção dramatúrgica em Portugal, através de importantes iniciativas instituídas no âmbito do INATEL.

Inicia a actividade teatral em grupos amadores com catorze anos, experiência que será determinante no seu percurso artístico e profissional. Frequenta o Curso Livre da Arte de Dizer do Conservatório Nacional em 1966, mas a decepção com o estilo de ensino nessa altura levará o futuro dramaturgo a desistir da formação (AAVV 2000: s/num.). Na década de sessenta escreve *A transição* e *O defunto* (Anon. 1992).

Em 1980 conclui o Curso da Escola Superior de Teatro, passando a dedicar-se mais intensamente à escrita e à direcção de grupos não profissionais, tais como AJC-Teatro Estúdio, Grupo Sete de Acção Teatral, Troupe, Proscénium, Passagem de Nível, Conjunto Cénico Dramático da Telecom e Grupo de Teatro da Telepac. Em 1987 *Nunca te disse que conheço as almas boas pelo calor das mãos* recebe a Menção Honrosa do CITAP (Ciclo de Teatro de Autores Portugueses), sendo editada pela Câmara Municipal da Amadora no ano seguinte. É a primeira de muitas outras peças regularmente publicadas e representadas.

Após ter exercido a função de assessor cultural do Site-se, Fernando Augusto integra os quadros do INATEL, onde ocupa o cargo de coordenador do Sector do Teatro desde 1989 a 1996, sendo nomeado chefe da Divisão das Actividades Culturais em 1997. Os Planos Anuais de Formação para o Teatro Amador, cuja coordenação assegura durante dez anos, são criados por sua iniciativa, assim como o Concurso INATEL – Teatro Novos Textos e o Prémio Miguel Rovisco, destinado a jovens autores até aos 25 anos.

Ao longo da década de noventa, a obra de Fernando Augusto é reconhecida em vários concursos de dramaturgia, obtendo prémios que, por vezes, ajudam à sua publicação e divulgação. Embora *Príncipe Bão* seja distinguida pela primeira vez em 1991, é editada em 1997, mas *O solário* (Teatro da Trindade, 1992) é premiada, publicada e representada no mesmo ano. Por ocasião da estreia desta, Fernando Midões saúda o «[n]ascimento de um dramaturgo» já no título da sua crítica, chamando a atenção para a «linguagem e dinâmica teatrais não muito comuns nos nossos escritores» e anotando, ainda, «duas das suas virtudes: a frontalidade política e o sentido de humor» (Midões 1992). A trama desenvolve-se nos anos anteriores à revolução de Abril de 1974, no solário de uma clínica de saúde mental, onde três pacientes se debatem com os seus fantasmas, trazendo as suas histórias e a memória de um país. Também Carlos Porto, que salienta a clareza das declarações políticas sobre a guerra colonial e o regime de Salazar, discorre sobre a qualidade da escrita: «[p]ersonagens verosímeis que evoluem em situações dramáticas em transformação, diálogos por vezes brilhantes, um humor cáustico que se lamenta não ter sido utilizado com mais frequência fazem deste texto uma realidade dramatúrgica que marca a escrita teatral portuguesa deste início de década» (Porto 1992: 30).

Pouco tempo depois, também *Pastéis de nata para a avó* (A Barraca, 1994) é multipremiada, representada e comentada por Fernando Midões, que louva a obra de Fernando Augusto, a sua «carpintaria e agilidade tanto temática como de cariz psicológico» (Midões 1994), evidenciando os conteúdos sociopolíticos da peça, que foca «o funcionamento dos lares-asilos, o desamparo da terceira idade, os choques de mentalidade e de gerações, a hipocrisia social, as situações tantas vezes existentes de autêntica eutanásia passiva [...]» (*idem*).

Outros reconhecimentos chegam com *Andou um anjo p'lo cais* (1996) e *A última batalha* (Grande Prémio de Teatro SPA/Novo Grupo 1999; Teatro Aberto, 2000). Nesta última peça são relatados os últimos dias do Marquês de Pombal numa «recriação mito-poética da personagem, nem por isso desenquadrada do seu contexto histórico, mas alheia a toda e qualquer preocupação naturalista» (Rebello 2000: 14). A recuperação da figura histórica serve, assim, uma reflexão sobre a memória colectiva de um país, num texto que oferece «uma magnífica, deslumbrante meditação sobre o poder e o tempo, a lucidez e a vontade, a velhice e a impotência» (Dacosta 2000: s/num.).

A par da escrita, Fernando Augusto envolve-se na criação cénica, sendo cúmplice de várias associações e comunidades que se reúnem em redor do teatro. Com e para elas, redige e encena teatro de revista, *Ó Iva da Costa* (Grémio Dramático Povoense, 1991), *Tinha Lisboa pregões* (Conjunto Cénico Dramático dos TLP, 1992) e *Vícios da noite* (Conjunto Cénico Dramático da Telecom, 1995), entre outras. Dois anos depois escreve por encomenda, e encena, *Verdes aventuras de D. Quixote* (Grupo de Teatro da Telepac, 1997), seguindo-se *O enterro* (Teatro Experimental do Funchal, 1998), com encenação de Carlos Cabral.

Conhecemos a existência de peças inéditas, tais como *Ó da barca por onde is*, versão livre do *Auto da barca do inferno* vicentino, e *Toma e embrulha*, mas é possível que haja outros títulos a acrescentar, uma vez que o autor em 2000 assegurava a direcção artística da Companhia Teatro Camarim e do Conjunto Cénico Dramático da EPAL.

Fernando Augusto também publicou *Um pequeno mago com um chapéu na cabeça*, um ensaio sobre a figura de actor, encenador e empresário Francisco Ribeiro (1998), traduziu *A casa de Bernarda Alba*, de Garcia Lorca, para o Grupo de Teatro do Clube PT (2000), e foi co-autor de diversos programas televisivos, nomeadamente, *O sétimo direito* (RTP1), *Quem casa quer casa* (TVI), *Ora bolas Marina* (SIC), entre outros.

A sua obra dramática continua a ser representada mesmo após o seu falecimento, enquanto a sua personalidade é justamente recordada e homenageada. Em 2005 o TEF atribui o seu nome à Teatroteca que acolhe a biblioteca pessoal do autor, doada a Élvio Camacho, e nela depositada por empréstimo. Em 2014, O Grémio Dramático Povoense dedica ao seu antigo presidente e director artístico o Espaço Cultural Fernando Augusto. Em 2015 o XIV Fórum Permanente de Teatro homenageia o dramaturgo ribatejano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AAVV (2000). Programa do espectáculo *A última batalha*. Lisboa: Teatro Aberto, Novo Grupo.

ANON. (1992). Texto da contracapa in Fernando Augusto, *O solário*. Lisboa: Centro de Documentação e Investigação Teatral. Colecção Autores Portugueses, n.º 2.

DACOSTA, Fernando (2000). «Memória colectiva» in AAVV, Programa do espectáculo *A última batalha*. Lisboa: Teatro Aberto, Novo Grupo.

FALCÃO, Tânia Maria / TELES, José (2015). «Estreia. XIV Forum Permanente do Teatro» in Fernando Rodrigues (dir), *Revista Palcos*, n.º 9, Março, pp. 9-12. Consultado em <<http://www.fpteatro.pt/revistapalcos/palcos9.pdf>> (data de acesso: 18 de Outubro de 2017).

MIDÕES, Fernando (1992). «Assim nasceu um dramaturgo» in *Diário de Notícias*, 10 de Abril.

___ (1994). «Uma encenação inesperada» in *Diário de Notícias*, 19 de Novembro.

PORTO, Carlos (1992). «Imagens da casa dos mortos» in *Jornal de letras, artes e ideias*. Lisboa: [s/n], ano XII, nº 508 (31 de Março a 6 de Abril), p. 20.

REBELLO, Luiz Francisco (2000). «Prefácio» in Fernando Augusto, *A última batalha*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Autores / Publicações D. Quixote.

SITIOGRAFIA

<<http://aprenderamadeira.net/associacao-teatro-experimental-do-funchal/>> (data de acesso: 24 de Novembro de 2017).

<<http://gremiodramaticopovoense.webnode.pt/sobre-nos>> (data de acesso: 18 de Outubro de 2017).

<<http://www.fotolog.com/joaopedroaugusto/21074179/>> (data de acesso: 24 de Novembro de 2017).

Rita Martins

Colaboração e revisão de Sebastiana Fadda